CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior

NAYOLA / 2022

Um filme de José Miguel Ribeiro

Argumento: José Eduardo Agualusa, Virgílio Almeida e Mia Couto, baseado no conto "A Caixa Preta" de José Eduardo Agualusa e Mia Couto / **Diretor de Fotografia:** Alex Debicki / **Direção de arte:** José Miguel Ribeiro / **Montagem:** Job ter Burg, Ewin Ryckaert / **Interpretação:** Vitória Soares (avó Lelena), Elisângela Rita (Nayola), Feliciana Guia (Yara), Marinela Veloso (o mascarado), … (vozes)

Produção: Ana Carina Estróia, Geert Van Goethem, Linda Sterckx, ... / **Empresas produtoras:** Praça Filmes (Portugal), S.O.I.L. (Bélgica), JPL Films (França), il Luster (Países Baixos), Luna Blue Film (Bélgica) / **Produção executiva:** Jorge António / **Cópia:** Digital, versão original com legendas em português / **Duração:** 83 minutos / Estreia mundial: 13 de junho de 2022, no festival internacional de cinema de animação de Annecy, estreia em Portugal: 13 de abril de 2023. Primeira exibição na Cinemateca.

José Miguel Ribeiro saltou para o conhecimento público cinéfilo no ano 2000, quando estreou o seu filme A SUSPEITA, uma média-metragem feita com animação de volumes (*stop-motion*) em plasticina. Este filme cheio de referências ao "Portugal profundo", não deixou por isso de ser galardoado com inúmeros prémios internacionais e deu ao jovem autor uma súbita visibilidade.

Nos anos que se seguem José Miguel Ribeiro realizou uma mancheia de filmes de animação, incluindo algumas excelentes séries e episódio televisivos para as crianças mais pequenas. Trabalhou também como produtor de filmes seus e de outros realizadores, e como professor das artes da animação. NAYOLA é o seu primeiro filme de longa-metragem, e uma das poucas longas-metragens de animação até hoje feitas no nosso país. É também uma animação claramente destinado a um público adulto.

A história do filme baseia-se livremente num texto para teatro escrito por dois escritores africanos consagrados, o angolano José Eduardo Agualusa e o moçambicano Mia Couto: “A Caixa Preta” (que mais recentemente foi reescrito como conto e incluído no livro “O Terrorista Elegante e Outras Histórias”, editado em 2019). No texto original, a história decorre inteiramente num único espaço no tempo atual. Entre muitas alterações, o filme acrescenta um tempo passado (1995), em decorre a busca de Nayola, guerrilheira relutante, pelo marido desaparecido na guerra civil. Este tempo alterna constantemente com a atualidade, o tempo da filha, Yara, ativista e rapper perseguida pelas autoridades (mais uma alteração à história original, inspirada nos acontecimentos mais recentes em redor do rapper Luaty Beirão) que se interroga sobre a ausência da mãe e do pai, enquanto a avó, Lelena, mãe de Nayola, cuida da neta e ambas tentam fazer o luto das feridas da guerra.

Um filme situado hoje em Angola não pode ignorar as marcas da guerra, ou das guerras. Treze anos de guerra pela independência, contra Portugal, seguidos de vinte e sete anos de guerra civil (terminada em 2002) somam três décadas de sofrimento profundamente marcado no povo angolano, e este filme retrata cruamente as múltiplas violências da guerra, vistas pelos olhos destas três mulheres, Lelena, Nayola e Yara. No entanto, retrata também a resistência contra essa mesma violência e a tentativa de manter os laços de amor familiar e reconstruir o país devastado. Nas palavras do realizador, o filme “conta a história de três gerações de mulheres angolanas que resistem e sonham com um país melhor e lutam por um país melhor, bem melhor, e tentam no meio dessa luta conciliar aquilo que é a construção de uma família com a construção de um país.”

José Miguel Ribeiro tinha antes realizado uma VIAGEM A CABO VERDE (2010) e o filme ESTILHAÇOS (2016), inspirado na experiência do seu pai, antigo combatente na Guiné, e de toda a família afetada pelas sequelas que nele deixou a passagem pela guerra colonial. Para o realizador, África parece ser um espaço ambíguo que evoca por um lado o trauma e por outro o sonho de liberdade.

Muitos pormenores, como as falas em português com o sotaque angolano, intercaladas com algumas em dialetos locais, resultam da intenção de José Miguel Ribeiro que “com Nayola, quis fazer um filme angolano”. Nos nove anos que demorou a produção deste filme, o realizador fez diversas visitas a Angola, e mergulhou na literatura e nas artes de Angola das últimas décadas, bem como na cultura tradicional animista dos povos da região. Daí retirou as cores, os sons e as músicas do filme, que combina o registo realista do dia a dia com o registo fantástico dos mitos, como a animação tão bem sabe fazer, para conseguir um efeito de verdade maior.

Maria Jesus Lopes